Ano 29.º — Sábado, 22 de Agosto de 1936 — N.º 1437

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Tudo pela família

—o—

Com a constituição da *Obra das Mães pela Educação Nacional* e a *Mocidade Portuguêsa*, organismos de que o leitor tem conhecimento, vem a propósito falar da família e da necessidade de a defender duma legislação contrária à indissolubilidade do casamento. Àcêrca dêste problema central da solidez do lar, o Estado Novo ainda não tem doutrina assente, pelo menos expressa; mas alguma coisa se póde deduzir já da Constituição e, de harmonia com ela, do pensamento que presidiu à criação dos organismos citados acima.

Tanto a *Obra das Mães pela Educação Nacional*, como já antes a *Defêsa da Família* e agora a *Mocidade Portuguêsa*, todas estas instituïções do Estado Novo visam, cada uma por vias diferentes, a robustez física e moral do lar, em que, sem sombra de dúvida, se gera a robustez física e moral do indivíduo.

É verdade que a *Mocidade Portuguêsa* tem, nêste caso, um papel particular, complemento e desenvolvimento do da família; mas se as famílias hão-de ser constituidas com as gerações dessa *Mocidade*, fàcilmente se vê que elas vão levar para os lares do futuro a riqueza do que adquirirem nessa oportuníssima instituição. Numa palavra: entre a família e a sociedade há tão íntima conexão que, se a sociedade vale pelos indivíduos que tem, êstes valem, radicalmente, pela família que os gerou. A defêsa da família é, pois, predominantemente, a defêsa da sociedade.

Ora, há uma contradição flagrante entre tudo isto, que é, decerto, o nervo vital da Nação, e a faculdade de os casados dissolverem a sua união, com as facilidades duma lei que curou apenas dos interêsses dos indivíduos. Uma lei do divórcio, tal qual ainda se encontra de pé, compreendia-se com a falsa ideologia em que foi concebida; hoje, porém, ninguém a compreende nem a póde defender, dado que não reconhecemos ao indivíduo o poder dispôr de si próprio contra os interêsses vitais da Nação. O argumento mais insistente dos que defendem o divórcio é o de não haver o direito de obrigar ninguém a viver toda a vida amarrado ao consorte insuportável, por qualquer das razões mais conhecidas. Uma parte destas razões póde desaparecer ou prevenir-se pela educação da juventude orientada ao casamento tido por um acto grave, de responsabilidades físicas, morais e sociais, e não um passatempo dos sentidos ou da vaidade.

Supômos que à acção da *Obra das Mães pela Educação Nacional* não há-de escapar êste pormenor importantíssimo; pois não se prepararão mães educadoras dos seus filhos, se as mães de hoje não educarem as filhas no respeito pelo casamento e pela maternidade.

Bem entendido que, por mais voltas que lhe derem, esta educação não póde ser profícua sem o benéfico influxo duma religião. Só assim se caminhará para banir das leis da família essa que tem sido o regime da prostituïção legal do lar, onde a vida se estanca, com prejuizo da vida da Nação. Para que nada seja contra a Nação, mas tudo por ela, importa, fundamentalmente, que tudo seja pela família, contra as paixões dos indivíduos.

S. N.

Na mesma

Ainda se não modificou a situação em Espanha, acusando as estatísticas, até à presente data, 55.000 mortos! O número de feridos não tem conta, o das viúvas eleva-se a 25.000 e o dos órfãos a 60.000.

Um horror!

Mas o comunismo é assim. Foi assim na Rússia e desde que estendeu os seus tentáculos à Espanha esta não podia fazer excepção à regra.

Até quando, tamanha carnificina?

Efemérides

22 de Agosto

1908 — A Câmara dos Pares aprova, por 58 votos contra 8, a proposta mixta da lista civil e dos adiantamentos ilegais à casa de Bragança.

— O dr. Alberto Costa, conhecido em Coimbra por *Pad Zé*, tem uma cêna de pugilato com o conde de Arrochela no final da sessão da Câmara dos Deputados, em Lisboa.

É bôa!

—o—

Os *vigilantes* pretendem que a Comissão de Iniciativa e Turismo construa, para a sua instalação, uma casa própria à entrada do Rossio.

Tudo que não seja isso, para êles, é o mesmo que nada.

Ideia genial!

Mas vamos cá a saber: e se fôr capoeira, não lhes interessará mais?...

Palavras de Salazar na comemoração de Aljubarrota

O dia 14 de Agosto ficou êste ano assinalado por uma romagem de intuitos altamente patrióticos, que se realisou aos campos de batalha onde há 551 anos foi firmada a nossa independência e à qual acorreu, àlém do Chefe do Estado, o país inteiro por convite da União Nacional.

Com o relêvo que devem ter, eis as últimas palavras de Salazar no mosteiro de Santa Maria da Vitória:

Senhores:

Cabe-me encerrar a patriotica romagem de hoje com brevissimas palavras, apenas as necessarias para responder a duas interrogações possiveis do vosso espirito: Porque neste dia? Porque a este lugar? Escrevi o ano passado: «A crise de pensamento e de consciencia que na passagem da primeira para a segunda dinastia atormentou os portuguêses, os perigos que afrontaram, as fomes e pestes que sofreram, as lutas em que se empenharam, só para manter o direito de não serem governados por outros e vincar a aspiração de continuar o seu rumo histórico sem sujeição a rei estrangeiro, gravaram para sempre Aljubarrota no espirito da Nação e fizeram desta data a verdadeira festa da independencia patria».

E este é o alicerce, este o princípio, esta a fonte de todos os feitos e glorias futuras que só por ser livre a Patria são patrimonio de portugueses.

Apertados na faixa ocidental da Peninsula, entre vizinhos poderosos e o mar imenso, estamos condenados a viver em cada momento o drama da nossa vida; mas sob o olhar benigno da Providencia, contamos já oito séculos de trabalhos, de sofrimentos, de lutas, de liberdade, e se é sempre o mesmo perigo, é sempre o mesmo milagre.

O grito de Ourique tem de séculos a séculos reboado por montes e vales, penetrou nas veias, caldeou o sangue deste povo, tornou coesa a sua massa, que é rebelde ao trabalho de dissolução interior com que em nossos dias, mais do que por guerras de conquistá alguns tentam submeter as nações e o seu ideal colectivo.

No longo processo histórico cujo acto mais belo e de mais elevada transcendência é precisamente Aljubarrota, nós podemos ver com diáfana clareza a reivindicação dessa dupla independencia — a independencia politica de país estranho, a independencia moral no interior, ou seja uma nação livre que livremente se determina para a realisação dos seus fins no conceito dos povos.

Fóra do estado de loucura, de paixão cega, de profunda adulteração do sentimento natural, não pode haver portugueses cuja actuação politica seja orientada, dirigida, acarinhada, auxiliada, paga por potencia estrangeira. E tudo isso ser a favor da nossa Pátria, porque nenhum povo do mundo pode amar mais Portugal do que os portuguêses, nem instituïção ou govêrno pode haver que melhor os defenda que o govêrno da Nação.

Pela fôrça das armas o fez compreender Nun'Alvares a irmãos seus, partidarios d'el-rei de Castela, que a ele o não convenceram e o heroi não pôde convencer nem pela voz intima do sangue, nem pela clara razão de Estado. Admirável precedente! Eterno ensinamento!

Eis a razão ou razões da escolha deste dia para afervorarmos o nosso patriotismo e redobrarmos de animo para a nossa vida futura.

Agora a razão do lugar.

Estamos no convento piedosamente erigido em comemoração da batalha e assim chamado por êsse motivo, rente á igreja onde gerações de crentes se revezam em oração, a dois passos da Capela do Fundador, onde repousam D. João I, D. Filipa de Lencastre, os filhos (como se o carinho dos pais e a devoção filial mesmo na terra sobrevivessem à morte), família heroica, «ínclita geração», tôda sacrificada ao serviço da Pátria, no estudo, nas guerras, nas descobertas e conquistas, na governação; e muito perto, na Sala do Capítulo, não sei quem, filho do povo certamente, em pleno direito admitido destacadamente à convivência real do mosteiro, representa os desconhecidos esforços, as contribuições anónimas sôbre que assentam as vitórias e, a tantos séculos de distância, o mesmo sacrifício da vida pela mesma causa da Pátria.

Não sei que tenhâmos em Portugal ambiente de maior espiritualidade, onde a nossa alma mais penetrada se sinta de elevados sentimentos: Deus, a Pátria, a família, o Dever, o sacrifício, o desinterêsse, a paz dos mortos têm representações ou projecções sensíveis, tocantes, sem que ao mesmo tempo deixe de respirar-se aqui o ar alvoroçado das vitórias.

Nós sômos filhos e agentes duma civilização milenária que tem vindo a elevar e a converter os povos à concepção superior da própria vida, a fazer homens pelo domínio do espírito sôbre a matéria, pelo domínio da razão sôbre os instintos.

Eu não desejaria por isso que nesta romagem para exaltação do sentimento da independência nacional deixassem de ser considerados aqueles outros elementos humanos e sobrehumanos com os quais pódem e devem coexistir as pátrias, e em cujo ambiente e defêsa há de florescer o nosso nacionalismo.

São lutas de civilização, — tantos cégos o não vêem — são lutas de civilização aquelas a que assistimos e é verdade que entra pelos olhos estar a medir-se hoje a vitalidade dos povos pela soma de energias trazidas a êste gigantesco debate.

A nossa causa nem se póde preguntar qual seja — ela resulta da Hisória e da nossa formação moral; a parte que nela tomam os portuguêses há de aferir-se pelo inteiro sacrifício da vida e da fortuna, pelo que para nós excede em valor a fortuna e a vida.

Viestes de todos os cantos do País e representais Portugal inteiro. Escutai: paira sôbre nós o espírito heroico de Nun'Alvares; parece mesmo ouvir-se vozes de comando, o tilintar das armas e o estrondo de batalhas: «Ainda não», responderia calmo.

Mas quando preciso, à chamada que vos seja feita para lutardes sob a sua bandeira, não deixará um só de vós — sei-o bem — de responder: presente!

Nova Farmacopeia

—o—

Está publicada a nova Farmacopeia Portuguêsa, que vem substituir a antiga, em uso há 60 anos. Alguns jornais tecem-lhe elogios e põem nos carrapitos da lua os seus autores. E' preciso não ter a mínima noção do que seja a Farmácia de hoje para enveredar por tal caminho. E porque assim o entendemos, lá vai a nossa opinião: a nova Farmacopeia Portuguesa está longe de corresponder às exigências da época, se é que êsta exige alguma coisa que por êsse livro se tenha de preparar, para ser apenas um calhamaço sem originalidade, mal feito, completamente inútil — uma que custa cem escudos!

Muito reconhecida deve estar a classe a quem tão bem a serve...

CALOR

Segundo os jornais, Lisboa e Coímbra têm suportado esta semana elevadas temperaturas.

E nós fresquinhos...

Adorável Aveiro!

António Madail

—x—

No seu magnífico *Ford* n.º 334.446, que se tornou notado em toda a parte por onde passou, e após uma semana de permanência entre nós, seguiu na segunda-feira para Lisboa o nosso presadíssimo amigo António Madail, cuja actividade comercial se patenteia no Congo Belga com muita inteligência e superior critério, dando-lhe lugar de destaque entre os portuguêses nas longínquas paragens africanas.

António Madail, de quem nos despedimos com saüdade depois duma viagem pelo estrangeiro, que ficará memorável, prometeu voltar dentro em breve a Aveiro e dar-nos o prazer da sua amável companhia nesta sua casa onde as velhas amisades se cultivam com a maior satisfação, talvez por atavismo.

Cá o esperâmos, pois.

Porque seria?

O *Diário de Coímbra*, que havia principiado a publicar uns subsídios para a história da queda do regimen parlamentarista em Portugal, quando em fóco o ex-conde de Urbanó, emudeceu, pois há precisamente um mês que de tal não voltou a falar com bastante mágua daqueles que, como nós, apreciam certas atitudes...

Porque seria?

Asilo-Escola

—o—

Partiram para a praia de Espinho os internados desta instituïção distrital que, na fórma do costume, ali devem permanecer até o fim do mês de Setembro.

Acompanhou-os a respectiva banda de música.

O movimento do 28 de Maio não se fez apenas para realizar o equilíbrio orçamental e promover o fomento e o revigoramento económico do país. Ao lado da estrada, da ponte, da linha telefónica, do edifício público e do navio de guerra, outro problema mais alto domina os objectivos nacionais — o problema político.

(Palavras do chefe do distrito de Aveiro por ocasião da posse do novo administrador do concelho de Estarreja.)

Por terras longínquas

Impressões de viagem escritas à pressa

Paris, 28 de Julho

Desde ontem de tarde que ando metido num verdadeiro labirinto.

Cheguei aqui depois de ter estado, como sabem, em Reims, cidade francêsa onde os alemães fizeram bastantes estragos, destruindo-a, em parte, e da qual não gostei por a achar suja, pobre de habitações, enfim: inferior ao que vinha acostumado a vêr na Bélgica.

Os eléctricos parecem zorras, as montras dos estabelecimentos, no geral, sem gôsto, e a iluminação, à noite, uma perfeita lástima.

E ainda aí falam...

Mas nêste particular devo dizer que noutras cidades notei a mesma coisa, obtendo, como explicação, ser isso devido às medidas económicas adoptadas pelos respectivos municípios.

No caminho para Paris encontrámos os cemitérios dos mortos da Grande Guerra, mesmo à beira da estrada, e passando pelo Marne, invocámos, recordando-os, os lances trágicos das batalhas que lá se deram e estão registadas com letras inapagáveis na história do conflito europeu.

Não. Digam o que disserem, a Bélgica nem por ser uma nação pequena deixa de ter uma poderosa atracção em face da qual toda a gente lhe reconhece direitos e primazias inconfundíveis.

Na devida altura, isto é, quando falámos em Eupen e Malmédy, esqueceu-nos êste promenor: as duas cidades alemãs, hoje pertencentes à Bélgica, distando, a primeira, apenas dois quilómetros da fronteira, apresentam as suas construções pesadas e com outro estilo inteiramente diverso do usado no reino de Leopoldo III, o que dá nas vistas. Outro tanto sucede logo que se deixa êste país e se entra em França — um verdadeiro contraste.

Mas voltando a Paris.

Só há duas cidades no mundo maiores do que esta: Londres e Nova-York. Porém, nenhuma delas tem a belêsa que esta possue e a prova é que inglêses e americanos vêm em massa visitá-la por ser, incontestàvelmente, a *cidade que fascina*, como um dia escreveu nas colunas dêste jornal o dr. Alberto Souto.

Paris é plano, com um aglomerado de soberbos edifícios na extensão de 11 quilómetros de leste a oeste e 10 de norte a sul. Possue mais de 9.000 hoteis e não têm conta os restaurantes, pois se encontram a cada passo.

Hoje, eu e o António Madail, que tem sido um cicerone dos de primeira categoria, metemo-nos, às 10 horas, num autóbus e tômos para Versailles visitar o seu castelo e os Trianons, ou seja o magnificente palácio do Rei Sol (Luís XIV) e bem assim o de Malmaison, antiga residência de Napoleão, que fica próximo. Demorámos lá o resto do dia porque a riquêsa, a sumptuosidade do primeiro e a grandêsa, principalmente histórica, do segundo, não consentem que se vejam de fugida.

Outra maravilha tudo aquilo, que a França conserva como relíquia e a nós, visitantes, chega a fascinar, pelo deslumbramento.

Após, percorremos ainda os jardins e os lagos, que são lindíssimos, e regressámos à cidade, atravessando os bosques de St. Cloud e de Bolonha, para, pelas margens do Sena, vir ter aos grandes *boulevards* onde, principalmente de noite, o movimento é incalculável e o seu aspecto tem qualquer coisa de feérico devido aos reclamos luminosos das casas comerciais, cinêmas, cafés, etc., etc.

Não há dúvida que aqui tudo é grande, tudo, a principiar pelos prédios, mil vezes superiores, em altura, aos arranha-céus. Pena é que o tempo, quási sempre nebuloso, os faça enegrecer, tirando-lhes parte da sua elegância e valor arquitetónico.

Para âmanhã temos já em projecto outros passeios e visitas, pois necessitâmos ir embora no fim da semana, dada a distância que temos de percorrer até Aveiro. Isto, é claro, se não falharem os cálculos, em face dos acontecimentos de Espanha. E' que, tendo nós de atravessar êste país, não nos seduz nada pôr em risco a pele, sugeitando-nos a qualquer dissabor.

No entanto, aguardêmos.

A. R.

* * *

A propósito destas cartas, um aveirense ilustre, que ocupa lugar de destaque no nosso país, escreve-nos:

Tenho lido, com interêsse, as suas cartas da Bélgica. A-pezar-de escritas sôbre o joelho, todas elas traduzem com sinceridade, em linguagem amena, a païsagem flamenga que o meu amigo visitou. São como que um conjunto de impressões-clichés de um rôlo de películas Kodak.

Conheço, por lá ter vivido, muitos dos pontos que agora focou com a sua pena: Bruxelas, Antuerpia, Waterloo...

Nas suas descrições recordei episódios da minha mocidade académica por aquelas terras tão bem tratadas. Registei detalhes das suas cartas; mostram que o meu amigo é um bom observador: o arranjo das casas, o asseio, as cortinas, os jardins, as flores...

Que tenha chegado bem, meu amigo, e que continue sempre nessa patriótica campanha «de querer para a nossa querida terra tão bom — ou melhor — do que se vê lá por fóra.»

Anti-patriota é o que se acomoda ao pouco, ou ao mau, que tem na sua terra, podendo realisar mais e melhor. Por exemplo: os habitantes das

Concessão de verbas

—x—

O Ministério das Obras Públicas destinou à Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro 300 contos para a demolição do antigo molhe norte construido em 1808 e mais 200 para aquisição de muito material que serviu na empreitada já concluida, mas da qual ainda se não viram resultados práticos. Contudo, todavia, que outras obras vão iniciar-se de modo a satisfazer as aspirações de autorisadas competências que nelas depositam a maior esperança.

Oxalá se não enganem.

Tem razão

—o—

O nosso colega de Coímbra, *A Situação*, faz, no seu número de quarta-feira, judiciosas considerações à cêrca da maneira como a si mesmo se intitulam certos grupos excursionistas que atravessam o país com o nome de «baptismo» exposto nos veículos em que se fazem transportar, e cujo significado não abona, antes pelo contrário, a mentalidade de quem os adopta.

Tambem já reparámos nisso — nessa crassa estupidez, como classifica tamanha vergonha — estando nós de acordo que se torna necessário a intervenção de alguem que a evite para não alastrar mais o espectáculo aos olhos de nacionais e estrangeiros.

E' preciso. Impõe-se.

Os indivíduos perante o Estado Novo são pouco: interessam só enquanto pelos seus actos e sobretudo pelo seu exemplo, servem os seus princípios políticos, sociais e morais.

(Palavras do chefe do distrito de Aveiro por ocasião da posse do novo administrador do concelho de Estarreja.)

termas de S. Pedro do Sul que não deixam inaugurar o Grande Hotel daquela linda estância de águas milagrosas ainda mal aproveitadas!

. . . .

Saüdades a essa Ria de Aveiro. E para si um abraço.

Obra acabada

—o—

Afim de receber o barco salva-vidas a motor *Almirante Afreixo*, acha-se já concluido, perto do Forte da Barra, o edifício que lhe é destinado, constituindo tudo um grande e útil melhoramento para o nosso porto.

Como se sabe, a vinda do *Almirante Afreixo* faz parte da *primeira vitória alcançada pelo vigilante das capoeiras de Cacia*, que entre nós e nas instâncias superiores, gosa de justa fama, sem falar, é claro, na freguesia onde tiveram lugar os ensaios...

Aveiro bem se pode ir preparando para uma consagração..

Visitai o Parque

Excursões

Tem aumentado de ano para ano o número de excursões a esta cidade, mas a-pezar-disso ainda ninguém teve a iniciativa de pôr à disposição dos visitantes pequenos barcos para passeios na ria, a preços acessíveis, como se faz lá fóra, onde tudo se aproveita que dê interêsse e possa servir para recreio dos turistas.

Estâmos muito atrasados, louvado seja Deus!...

E os que podiam lucrar com o negócio, arranjando uma fonte de receita com pouco dispêndio e quási nenhum trabalho, nem, sequer, pensam em tal! Todavia, as excursões multiplicam-se e, principalmente ao domingo, o movimento, na cidade, chega a imprimir-lhe extraordinária animação. Mais uma vez, portanto, ousâmos lembrar que sendo a ria o principal atractivo da nossa terra, não desprezem essa circunstância e para ela olhem, proporcionando aos estranhos o seu fácil e rápido acesso, mesmo porque bem o merece.

* * *

Dia a dia vai subindo o entusiasmo pela excursão que o *Recreio Musical Esgueirense* está a organisar à cidade de Viseu, continuando aberta a inscrição para um segundo combóio especial.

Como já se disse nêste jornal, realiza-se em 13 de Setembro, estando marcada a partida para as 7 horas da manhã e a chegada para as 4,30 da madrugada do dia seguinte.

A *Banda José Estêvão* acompanhará os excursionistas, cujo número tem aumentado nos últimos dias, sendo fóra de dúvida que êste passeio vai ficar memorável na vida da simpática agremiação da freguesia de Esgueira.

Aproveitando o ensejo, agradecemos à sua Direcção, presidida pelo sr. Luís Henriques Pinheiro, o não se ter esquecido de *O Democrata* para se fazer representar.

Secção desportiva

A abrir

Zamora

Noticiam os jornais que Zamora, o mais fenomenal guarda-rêdes de todos os tempos, faleceu em Madrid.

A guerra civil, que se desencadeia em Espanha, não deixa confirmar a notícia. Damo-la, pois, com tôdas as reservas, certos de que no fim da contenda muita gente há-de ressuscitar...

Ricardo Zamora, o campioníssimo Zamora, era um verdadeiro cartaz, só êle, do desporto espanhol. Se, de facto, o mundialmente conhecido guarda-redes deixou de existir, a nação vizinha perdeu um dos seus vultos mais representativos, sabido como é que, presentemente, ao lado das artes, das letras, das ciências—enfileira o Desporto.

Rêmo e Natação

Com franqueza: parece que estamos muito longe da Ria, que não possuimos alguns barcos e muitos nadadores. A ida a Coimbra de um punhado de aveirenses não bastou para nos dar a certeza de que nesta terra se praticam desportos aquáticos. Esse facto é insignificante comparado com aquilo que se devia fazer. Há duas entidades em Aveiro que se dedicam à natação. Uma, até, exclusivamente. Falâmos, branco é galinha o põe, da Associação Aveirense de Natação. Perdão; falemos mas não iamos apostar se S. Ex.ª é viva ou morta. De concreto, sabemos, apenas, que não dá acordo de si. Estamos em fins de Agosto e os campeonatos regionais de natação ainda não se efectuaram, Ignorando nós por que se espera tanto. No fim de tudo a montanha dará à luz um rato, se é que mesmo rato chega a aparecer.

Como tôda a gente sabe, só as competições podem estimular. E o estímulo é a carreira da perfeição... Não fazendo provas, não entrando em provas, o nadador jàmais adquire prática, sempre preciosa, e confiança em si mesmo. Treinar contra relógio, mais que inutil, é contraproducente. O relógio pode fazer aquilo de que nenhum adversário é capaz—*estoirar* o atleta.

Por sua vez, o *Beira-Mar* não leva a sério a natação. Temos a maior consideração, a melhor estima pelo grande club aveirense. Mas consideração e estima não podem de maneira nenhuma inibir-nos de falar claro, de dizer aquilo que sentimos. E, para evitar falsas interpretações, seja-nos permitido afirmar que, com tais palavas, apenas queremos trazer para o bom caminho os dirigentes do negro-amarelos.

Mas voltando á vaca fria. E' possivel que haja indignações por afirmarmos que o *Beira-Mar* não quer saber da natação. Mas a defeza do nosso ponto de vista, de facil, faz-se em duas palavras. Ora oiçam: comparemos a actividade do *Beira-Mar* em *foot-ball* á actividade do mesmo *Beira-Mar* em natação... O que se vê?! Entusiasmo, dum lado; desinteresse, do outro. E... *quod erat demonstrandum.*

Chegamos a ter pena, palavra de honra, daqueles tempos ominosos em que os homens do *Beira-Mar* se batiam contra os portuenses, setubalenses, vianenses, figueirenses e lisboetas; daqueles anos em que os aveirenses chegaram a ir a Vigo disputar provas contra os nossos vizinhos—e não dizemos nossos irmãos porque os há nacionalistas e comunistas...

E sôbre natação, por hoje, temos conversado.

No que se refere ao rêmo, o quadro ainda está mais *feio*, quer dizer: ainda se apresenta mais sombrio.

A Secção Náutica do *Club dos Galitos* é-nos muito simpática. Mas assim, sem nada fazer com os seus barcos, só merece censuras.

Julgamos que a Secção Náutica do *Club dos Galitos* é essencialmente desportiva. Se é desportiva, porque não faz desportos? Que nos responda quem quiser. A não ser que os barcos se destinem a outra coisa qualquer e, então, desde já pedimos nos desculpem. E não fica mal a ninguem pedir desculpa. Já o outro a solicitava ao Caetano...

Aqui há anos, na ria, houve um grande testival. Organisou-o o *Club Mário Duarte*. Agora que o material abunda mais, nada se faz. Outros tempos—outros homens. Mas será assim? Ainda não descremos completamente da Secção Náutica dos *Galitos*, valha a verdade, onde marca, onde se impõe a figura de Luiz da Naia.

Mas, falando com franqueza, com a franqueza de sempre, a esperança é frouxa, é muito vaga.

Natação, rêmo, vela!—trindade admiravel de três admiráveis desportos. Natação, rêmo, vela!—trindade soberba de três soberbos desportos, três desportos distintos de um só Deus verdadeiro—a saúde.

Aveiro, a minha terra, a nossa terra, infelizmente, não acredita nisto. Entronisou a bola e adora-a com devoção.

Quem dera que, ao menos, nos altares laterais, também pusessem o remo, a natação, a vela! Não para os admirarem constantemente, não. Simplesmente para, de vez em quando, os olhares se lembrarem deles...

Y.

REPAROS

—o—

O aspecto exterior que oferecem alguns prédios leva-nos a chamar, de novo, a atenção da Câmara e dos senhorios para o cumprimento da postura, cuja observação se impõe. Quanto à fachada da Capitania, só o sr. capitão-tenente Santos Pato poderá fazer vêr às instâncias superiores o estado lastimoso em que se encontra e solicitar as necessárias providências.

Aveiro precisa de tornar-se limpa, asseada e elegante.

Para bem merecer...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

As "Tricaninhas da Mocidade" em Ponte do Sôr

Como noticiámos, foi a Ponte do Sôr exibir-se num espectáculo de caridade, o rancho da nossa terra, *Tricaninhas da Mocidade*, convidado para tal fim pela ilustre aveirense, sr.ª dr.ª D. Jovita de Carvalho, que, no Hospital Vaz Monteiro da importante vila, dirige os serviços clínicos com tôda a competência e a maior dedicação.

Muito bem recebido e melhor apreciado, escusâmos de dizer que as *Tricaninhas da Mocidade* fizeram sucesso, mas sucesso retumbante. O teatro onde dansaram e cantaram trasbordou de espectadores e os aplausos fôram quentes, vibrantes, prolongadíssimos.

A sr.ª dr.ª D. Jovita de Carvalho, contente por se vêr no meio do grupo, dirigiu-lhe a seguinte saüdação:

Gentes da minha terra; tricanas de chinelinha a bailar qual barco fenício em tardes de vento brando; rapazes de tez bronzeada e olhar límpido como vela branquinha à hora abençoada do sol-pôr; gentes da minha terra que viestes trazer-ma, no vosso coração, ao meu coração, feito do vosso ar, quente do vosso sol:—sêde benvindos!

O meu coração vos recebe para vos aconchegar, mais e mais, na sua própria essência, para convosco, por ela, mais e melhor vibrar.

Vinde a mim! Eu quero abençoar-vos com o que de mais puro eu trago na alma—o ideal que me vem de Deus. Eu quero bendizer-vos com o que de mais nobre eu trago no coração — o orgulho do meu amor pela terra-mãe. Enfim, enfim, eu quero agradecer a vossa generosidade, o desinterêsse com que, até nós, viestes e aos nossos pobres dais as graças de mocidade com que o Senhor, tão abundantemente, vos mimoseou; eu quero agradecer-vos, repito, com o que de mais honroso a minha humildade aqui representa—a minha qualidade de presidente da Santa Casa da Misericórdia de Ponte do Sôr, esta abençoada terra alentejana pela qual vos deixei e à qual, tanto do coração, me dedico.

Cantai! Cantai! Deixai-me a alma embalada em saüdades da vossa alegria ribeirinha. Bailai! Bailai! Deixai-me os olhos cheínhos do vosso donaire, para que, ao partirdes, a saüdade vos leve, tempo em fóra, a cada instante, com o mesmo entusiasmo e o mesmo enternecido orgulho, a minha benção de madrinha.

Uma revoada de palmas abafou as últimas palavras da distinta médica, de quem logo se acercou Conceição Freitas da Costa para recitar êstes versos de José de Fiuza em nome do seu rancho:

Senhora:

Prendestes os corações,
as almas boas, sinceras.
Desfizestes as quimeras,
renovastes tradições...

Vosso seio maternal
agasalha os pobresinhos.
De paz, bondade e carinhos,
é fundo manancial.

Hoje há do bem o calor,
fraternidade e amor,
há muita luz e verdade.

Sois o sol que aquece os pobres!
Que sentimentos tão nobres!
Sois Anjo da Caridade...

As manifestações, nesta altura, atingem o auge; o nome de Aveiro é pronunciado por tôdas as bôcas; a sr.ª dr.ª D. Jovita de Carvalho torna-se alvo das atenções de todos e é ainda sôb êsse ambiente que o Rancho recebe a oferta duma larga fita de sêda amarela para a sua bandeira, como lembrança e reconhecimento da Santa Casa da Misericórdia.

Firmino Costa, director e ensaiador do Rancho, sente-se desvanecido, e com razão, pela maneira como o grupo foi recebido e acarinhado em Ponte do Sôr. Registâmos essa circunstância porque vêmos nisso uma prova do prestígio que ali gosa a sr.ª dr.ª D. Jovita de Carvalho e também da delicadêsa da terra a que hoje se acha ligada em virtude dos seus deveres profissionais.

Acidente de aviação

=o=

Na terça-feira de tarde e quando se preparava para amarar depois de ter feito largas evoluções, despenhou-se sôbre uns terrênos a 50 metros da ria fronteira à praia de S. Jacinto, o hidro-avião *Junkers 17* que era tripulado pelo 1.º tenente sr. Paulo Viana e no qual seguiam, como observador, o 2.º tenente Matoso e como mecânicos os sargentos Gonçalves e Álvaro e ainda o cabo António Machado. Todos, porém, fôram muito felizes visto não terem sofrido senão ligeiras escoriações.

O desastre deve-se à paragem brusca do motôr.

SERENATAS

—o—

Vão recomeçar na praia do Mondego, já que desapareceram das ruas de Coimbra, que o progresso transformou, dando-lhe outro aspecto, de harmonia com a época, mas menos romântico.

Só nós, com uma ria que tanto se presta, nem, sequer, a amostra!

E contudo ainda temos no Alboi e na Beira-Mar raparigas que não ficam a dever nada às que deliciaram, noutros tempos, Aveiro, cantando as suas maravilhas.

Ó mocidade: desperta! Dá-te a conhecer!...

"Uma noite na China"

No vasto salão da Assembleia da Barra realiza-se hoje a segunda festa da época que, a avaliar pelo interesse que está despertando entre os banhistas, deve ser revestida do maior brilhantismo.

Uma noite na China... passada na praia do Farol, vai, fóra de dúvida, constituir um sucesso pelo seu ineditismo e pelas surprezas que a vão valorisar, tornando-a uma festa atraente e cheia de encantamento.

São êsses os nossos desejos ao agradecermos o convite com que os seus organizadores distinguiram *O Democrata.*

A FRUTA

Por causa da sua escassês está-se vendendo caríssima, quer no mercado, quer nas casas da especialidade.

Há anos assim.

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 18, o sr. Francisco Augusto Duarte, considerado mestre de obras e em 19, o sr. Fernando Bessa, professor oficial na Trofa (Agueda); hoje, fá-los, a sr.ª D. Joana Virgínia Luisa da Rocha e Cunha, esposa do sr. dr. Alberto Rafael Amorim de Lemos, advogado em Oliveira de Azemeis e o sr. Artur Candeias; àmanhã, os srs. Arnaldo Estrêla dos Santos e Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); no dia 26, as sr.as D. Leonor Machado da Cruz e D. Maria Helena Pinto Lona Peres, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e João Herculano Graça, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, da Covilhã, e o sr. Carlos Pinto; e em 27, a graciosa tricaninha Celia Barreto e os srs. Ulisses Pereira, activo comerciante e José Martins Pires, professor oficial em Anadia.

Gente nova

Em Lisboa, teve, segunda feira, a sua délivrance, dando á luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Isabel de Melo Duarte, dedicada esposa do nosso prezado amigo Mário Duarte (filho), funcionário do ministério dos Negócios Estrangeiros.

Avaliando a alegria que deve ter causado naquele lar feliz o nascimento do pequerrucho, compartilhamos da satisfação de seus pais, desejando ao recem-nascido um futuro repleto de venturas.

Praias e Termas

Desde o princípio do mês que veraneiam na Costa Nova, com suas famílias, a sr.ª D. Maria Melo e Costa, distinta professora e os srs. Firmino Picado e José dos Santos Jorge, guarda livros no Porto.

—No Luso também se encontram a faser uso das águas a sr.ª D. Severina Campos e o sr. José Tavares da Silva.

Partidas e Chegadas

Retirou de novo para Portalegre, onde exerce a sua profissão, o farmacêutico sr. Domingos João dos Reis Júnior.

—Veio aqui passar dois dias de licença o nosso conterrâneo Amadeu Pinto dos Reis, aspirante de Finanças em Torres Vedras.

—De regresso da sua viagem ao estrangeiro, chegou ontem, por mar, a Lisboa, acompanhado da esposa, o dr. António Leitão, que, além de Paris, visitou outros centros importantes da Europa.

—De visita a sua irmã está em Aveiro o sr. Abílio Trancoso, tesoureiro de Finanças na Golegã.

Doentes

Tem obtido sensíveis melhoras, encontrando-se em via de restabelecimento, o sr. António Correia Saraiva, empregado nos escritórios da Fábrica de Serração e Carpintaria dos Santos Mártires.

—Com a saude um pouco abalada, chegou a esta cidade, sendo hóspede de seu pai o nosso velho amigo António Pereira da Luz (Valdemouro) a sr.ª D. Maria de Lourdes Pereira Soares Branco de Melo, esposa do sr. Alexandre Correia Teles de Miranda, inspector da Atlantic, em Faro, e para Vilarinho veio também convalescer depois da operação da apendicite a que teve de sugeitar-se, a irmã, igualmente casada com o sr. Antonio Andrade Soares.

Sinceramente desejâmos o restabelecimento das duas senhoras.

Fóra de portas

=o=

Perto da 1 hora de terça-feira foram requesitados, pelo telefone, os socorros dos nossos bombeiros para um incendio que se manifestou no lugar da Quintã, para lá de Vagos, onde foi devorado pelas chamas um armazem de cereais pertencente a João Martins.

Partiram daqui as duas companhias, que pouco fizeram, visto já estar tudo reduzido a cinza quando chegaram.

Festival nocturno

—o—

A Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes anuncia para hoje, ás 22 horas, outro festival no Jardim, que costará dum espectáculo ao ar livre levado a efeito pela *tournée* Deolinda de Macêdo, com música do maestro Hugo Vidal.

Trata-se duma novidade e isso talvez influa na concorrência, que oxalá corresponda aos intuitos dos promotores.

Comandante da G. N. R.

—x—

Do regimento de Infantaria 19 transitou para a Guarda N. Republicana, ficando a comandar a secção desta cidade, o sr. capitão Firmino da Silva, que preencheu a vaga deixada pelo seu camarada capitão Alberto Faria, atingido, como dissemos, pelo limite de serviço.

O novo comandante, a quem cumprimentamos, já entrou no exercício das suas novas funções e, segundo temos ouvido, possui requisitos para o bom desempenho daquele lugar.

Aveiro e os seus bombeiros

As festas de baptismo dum novo carro

Efectuou-se, como fôra anunciado, a festa do baptismo do novo pronto-socorro da Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que teve lugar na *Avenida Dr. Lourenço Peixinho*, em frente do monumento aos Mortos da Guerra e na presença das autoridades e de numeroso público.

A cerimónia foi precedida duma sessão solene na sala da Associação Comercial. Presidiu o sr. dr. Artur Cunha, representando o chefe do distrito, secretariado pelos srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente do municipio; Firmino Fernandes, comandante dos Bombeiros Voluntários; tenente Gumerzindo da Silva, inspector dos incêndios, e tenente Campos de Almeida, da Guarda Republicana. Falou, apenas, o sr. dr. Manuel das Neves, advogado na comarca, que focou a missão altruista do bombeiro e aludiu à gravidade da hora presente, condenando tudo que não esteja de harmonia ou não concorra para o restabelecimento da paz social.

O pronto-socorro, que é um carro moderno com todos os requisitos indispensáveis ao fim a que se destina, incontestàvelmente o mais completo do país, e que honra as oficinas de José Costa & Irmão, desta cidade, recebeu o nome de *Vera Cruz.* Serviu de madrinha a sr.ª D. Maria Helena Ferreira Henriques, esposa do sr. dr. Joaquim Henriques, e assinaram o auto, como testemunhas, os srs. dr. Lourenço Peixinho e João Ferreira. Depois, as duas corporações de bombeiros, nas suas viaturas, percorreram várias artérias da cidade acompanhadas de alguns carros particulares, tendo, pelas 18 horas, início um simulacro de incêndio no edifício da **Pastelaria Central** e Casa Domingos Leite, distinguindo-se nêsse exercício todas as praças que nêle tomaram parte sob o comando do seu instrutor, sr. Belmiro do Amaral Fartura.

Como nota emocionante é digno de registo o salto de Luís da Naia para a rêde onde veio cair duma altura de muitos metros, com isso demonstrando extraordinária coragem e não menos perícia.

Abrilhantou a festa a banda da Companhia e ainda a do Regimento de Infantaria 19, que tocou no Rossio, tendo já na véspera, sábado á noite, havido música no Jardim, dansas e canções pelo Rancho Infantil, que recebeu fartos aplausos, e fogo de artifício—preso, do ar e aquático—o último queimado no lago do Parque pelo hábil pirotécnico, sr. Libório Joaquim Fernandes, de Lanhelas, a quem não fôram regateados louvores dado o deslumbramento causado no público durante a apresentação dos produtos da sua fábrica.

A' Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes só desejâmos que continue a elevar-se, como até aqui, para não desmerecer do conceito em que é tida, quer na cidade, quer fóra dela.

Este número foi visado pela Censura

Uma visita ao CENTRO COMERCIAL DE AVEIRO, L.ª impõe-se.

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 23 a 29 de Agosto

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Depois de uma oscilação brusca, de 23 para 24, começa, em 25, a subida fortemente acentuada.

Datas de novos ciclones—De 23 para 24 e em 26

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo se apresente, por vezes, com tendencia para chover, principalmente no dia 25.

Em aditamento ao que aqui se disse na semana passada, é bom notar não ter ainda aparecido qualquer pessoa a contestar as afirmações aqui feitas, desde que estes trabalhos vieram a publico em 1932, e, no entanto, são muitos os artigos publicados desde esse ano demonstrando serem as fôrças, que arrastam a Terra e a Lua nas suas orbitas, a origem dos fenomenos sismicos e meteorologicos.

Base cientifica em que se apoiam estas previsões.

Porque não contestam—demonstrando o contrario—aqueles que dizem não concordar com as referidas afirmações?

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: na Russia, Polonia, Turquia, Ankara, Japão e Argentina.

Oscilação provavel de temperatura na Peninsula—Oscilante com tendencia para subir até 28.

SISMOLOGIA

Datas de maior sensibilidade: de 22 para 23 e em 25.

Setúbal, 19 de Agosto de 1936

A. CARVALHO SERRA

Necrologia

A doença que, há mêses, o havia atirado para a cama, poz na segunda-feira têrmo ao sofrimento de Manuel Rodrigues da Paula Graça, pelo que da sua existência só resta a lembrança enquanto se não diluír também com o andar do tempo.

Manuel Graça, tendo pertencido ao grupo aveirense que acompanhou os propagandistas da República, deu a esta muito da sua actividade e algo dos seus parcos recursos sem mira em recompensas. Inteligente, fez parte do *Grupo Cénico do Club dos Galitos*, sendo o *compère da Caldeirada*; cantou na orquestra de Santa Cecília; foi industrial, foi negociante e, por último, era empregado na importante casa *Testa & Amadores*, tendo a seu cargo uma das secções da *Shell*, onde poz à prova a sua actividade e adquiriu a estima de quantos com êle privavam e eram apreciadores de todos os seus bons predicados.

Perseguido atrozmente pela adversidade, que não lhe deixou, nem no Brasil nem na América, angariar outros recursos além do pão nosso de cada dia, Manuel da Paula Graça morreu, como viveu—pobre!

Sinceramente o lamentâmos por ser mais um amigo que perdemos, pois nos deu exuberantes provas disso quando, num periodo de certa gravidade para êste jornal, se colocou ao lado da razão e da justiça, ajudando-nos a vencer o inimigo, que dos esgotos da monarquia viera conspurcar a República.

Paula Graça tinha 59 anos e ao seu entêrro acorreram bastantes pessoas e representantes de algumas colectividades locais, como o *Recreio Artistico*, *Club dos Galitos*, *Banda Amisade* com a sua bandeira envolta em crepes, e ainda um grupo de tricanas, vestindo rigoroso luto, que, seguindo logo atraz do sr. João Testa, portador da chave da urna, quiz dessa maneira significar que não esqueceu, na hora derradeira, o companheiro de tantas noites de triunfo em diversos palcos do país, oferecendo-lhe uma coroa de flôres artificiais como homenagem.

Da casa do extinto até o cemitério novo, onde ficou sepultado, organizaram-se os seguintes turnos:

1.º

José Migueis Picado, João Gamelas, José Pinheiro Palpista e Eduardo Pinho das Neves.

2.º

Rita da Costa, Carolina de Lemos, Otília de Lemos e Maria Picado.

3.º

Dr. Albano da Conceição, padre António Estêvão, José Amaro Lemos e Alberto Casimiro.

4.º

Amadeu Amador, Francisco Encarnação, Luís Pinho das Neves e A. Miranda.

5.º

Aurélio Costa, João Nunes da Maia, José Marques Sobreiro e Arnaldo Ribeiro.

6.º

Manuel Dilalma Graça, Leonel Graça, Domingos da Maia Romão e Manuel Valente da Fonseca.

O Democrata, não faltando a cumprir o seu dever perante os despojos de Paula Graça, a quem a bandeira verde-rubra do antigo *Centro Escolar Republicano*, cobria, como de direito, acompanha a família do modesto companheiro no seu profundo desgôsto, na sua dôr, no seu luto.

* * *

Na primavera da vida—20 anos—deixou também o mundo na penúltima sexta-feira Maria da Luz Tavares da Cruz, a quem a tuberculose vinha minando lentamente.

Era filha de Manuel da Cruz, há meses falecido, abrindo-se, agora, naquele lar, tão perseguido pela adversidade, mais uma clareira com o desaparecimento da inditosa Maria da Luz, que as suas amigas e outras pessoas acompanharam à última morada.

* * *

Após três meses de sofrimento, sucumbiu aos estragos do mesmo mal, Manuel Simões Cravo, casado, de 46 anos de idade.

Trabalhador e honesto, a vida para êle foi uma labuta constante a que a morte veio pôr termo, impiedosamente.

* * *

Também se finou, há dias, o sr. Augusto Maria Barrento, antigo chefe da estação do caminho de ferro de Quintans, de onde veio para esta cidade quando atingiu a reforma.

Era natural do concelho de Castelo de Vide, vitimou-o uma cirrose no fígado e deixa viúva com alguns filhos. Contava 62 anos.

Lêr a 4.ª página

Camara Municipal de Aveiro

Empreitada Parcial

Acabamento da Escola do logar da Taipa (Requeixo)

Lourenço Simões Peixinho, médico, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Aveiro, faz público que até às 14 horas do dia 3 de Setembro p. f. serão recebidas propostas em carta fechada para a execução de trabalhos de acabamentos, constantes do caderno de medições e encargos, do edificio da Escola da Taipa, sob a base de licitação de Esc. 15.740$00.

Os concorrentes deverão fazer acompanhar as suas propostas do recibo de terem efectuado no cofre da Tesouraria Municipal um depósito provisório de Esc. 393$50, que serão devolvidos aos concorrentes, finda a praça, com excepção do adjudicatário.

As propostas serão abertas e lidas em sessão pública que terá logar no referido dia 3 de Setembro pelas 14 horas.

A adjudicação será feita ao proponente de mais baixo preço, se o seu signatorio oferecer a devida idoneidade tecnica.

O projecto, medições e caderno de encargos estão patentes aos interessados na Secretaria Municipal, todos os dias úteis das 11 ás 17 horas.

Câmara Municipal de Aveiro, 19 de Agosto de 1936.

O Presidente da Comissão Administrativa,

(as) *Lourenço Simões Peixinho*

Ódio, justiça e perdão

—o—

Revolvendo papeis, veio-nos parar às mãos um número antigo da *Gazeta das Caldas* com êste artigo sempre oportuno e digno de transcrição:

Ser honesto é alguma coisa, mas não é tudo. A virtude e a austeridade de caracter deixam muito a desejar quando não são acompanhadas de bondade.

O indivíduo intolerante, faccioso ou soberbo torna-se antipático, por muito bôas qualidades que possua.

Aquele que está sempre a apregoar a sua honradês e que duvida, sistemàticamente, de quantos o cercam ou com êle tratam, ou é egoísta ou invejoso.

Por muito puritano que um indivíduo seja, deve desculpar os pequenos deslises, as faltas pouco graves, os êrros ou fraquezas do seu semelhante.

Quem se julga sempre «perfeito», assacando maldosamente «defeitos» a tôdas as outras pessoas, revela esquecer a noção das porporções e o sentimento das realidades.

Que se castigue o delinqüente; que se admoeste com carinho e firmeza o prevaricador; que se critique com serenidade aquele que se desvia do bom caminho, está certo. Mas daí até irritar a sensibilidade alheia com palavras ou actos excessivos, vai uma grande distância.

«A própria virtude ofende—escreveu um autor célebre—quando é acompanhada de maneiras repulsivas.»

O homem prudente aconselha com moderação, comenta com justiça e sem outro intuito além de esclarecer a verdade e de atraír à razão as consciências transviadas. Não se vangloria com a sua presumida seriedade; não toma atitudes agressivas; não procura humilhar ninguém.

Mesmo quando se julga isento de tôdas as culpas, não deve falar com irritação, com acrimonia, nem orgulho.

«Os conselhos dados com dureza—já dizia um clássico—não produzem efeito: são como martelos que a bigorna repele».

O indivíduo carrancudo, de modos rudes e de palavras ásperas não atrai a simpatia seja de quem fôr. Por muito virtuoso que seja, afugenta todos. E se é vaidoso, ainda peor—se está sempre a falar na sua pessoa, nas suas qualidades, nas suas virtudes, irrita em vez de cativar.

A's vezes, pardoando consegue-se mais do que punindo; chamando à justiça com palavras amoráveis, produz-se maior abalo nos espíritos do que ralhando com furor. O castigar sem dó nem piedade é um sistema brutal. A virtude não se impõe pela violência, mas sim pela bondade. Aquêle que ao primeiro pequeno deslise se exalta e pune com fúria, sem para êle encontrar atenuantes, esquece o seu dever e pratica uma iniqüidade, se tivermos em atenção o velho adágio latino de jurisprudência: *Summum jus, summa injuria—excesso de justiça, excesso de injuria.*

A justiça não exclue a bondade. A virtude não póde ser inimiga declarada do perdão.

O homem que pretende impor uma rigidês e intransigência de princípios exagerada nem sempre é o mais honrado: «*nenhum juiz*,—escreve o romancista Sousa Costa—*iguala em severidade o que abusa dos delitos, castigados nos outros.*»

O bom exemplo continuado, a moderação que internece, a indulgência que edifica e o espírito generoso superior à mesquinhices e a pessoalismos absurdos, constituem o grande veículo da paz e da harmonia colectivas.

Eça de Queiroz reconhecia isto mesmo com a sua fina argúcia: «Às vezes há um homem muito serio, muito puro, muito austero, um Catão que nunca cumpriu senão o dever e a lei... E todavia ninguém gosta dêle, nem o procura. Porquê? Porque nunca deu, nunca perdoou, nunca acarinhou, nunca serviu. E ao lado outro leviano, descuidado, que tem defeitos, que tem culpas, que esqueceu mesmo o dever, que ofendeu mesmo a lei... Mas quê? É amorável, generoso, dedicado, serviçal, sempre com uma palavra dôce, sempre com um rasgo carinhoso... E por isso todos o amam e não sei mesmo, Deus me perdôe, se Deus também o não prefere...»

Amar e perdoar são, pois, as duas grandes virtudes activas que completam e enobrecem o verdadeiro homem, do qual se poderá dizer, na hora da morte, como S. Pedro disse àcêrca de Jesus: *Per transut, benefaciendo—passou, fazendo bem.*

«Rècord» de altura

—o—

O aviador francês Georges Detré acaba de elevar-se no seu aparelho a 14.836 metros, a maior altura até hoje atingida desde 11 de Abril de 1934.

Deixou, por isso, a perder de vista o seu colega italiano Donati.

Enquanto outro não lhe passa as palhêtas...

Correspondencias

Costa do Valado, 20

Baptisou-se no domingo o filhinho do nosso amigo Alípio de Matos, que recebeu o nome de David Manuel.

—Está aqui a passar alguns dias com a esposa e filho, o nosso conterrâneo António Francisco das Paradas, residente no Porto.

—Regressaram de Espinho os srs. Manuel Gomes Ferreira e Abílio Cruz.

—Em gôso de licença encontra-se entre nós o sr. alferes Lopes dos Santos, que passará a fazer serviço na Escola Central de Sargentos, em Águeda, onde foi colocado.

—Igualmente veio passar as suas férias à Costa em companhia da esposa, estreando a sua casa nova, o sr. José Rodrigues Ferreira.

—O sr. António Francisco Paralta foi vítima dum roubo de batata e à sr.ª Ana Polónio levaram uma ovêlha, que não tornou a aparecer...

E pronto...

C.

Quintans, 20

No domingo e segunda-feira festeja-se neste logar o S. Bartolomeu, estando os srs. Sebastião Nunes Eugénio, António Carrancho, Edmundo Neto, José Luís da Rocha e Francisco Fernandes, êstes, além doutros que fazem parte da comissão, empenhados no seu lusimento.

Consta-nos que virão tocar os *jazzs* do Troviscal, Vista Alegre e Mamarrosa.

—Chega-nos de Aveiro a notícia da morte do sr. Augusto Maria Barrento, que na nossa estação do caminho de ferro exerceu as funções de chefe durante alguns anos, angariando simpatias.

Enviâmos condolências à família enlutada.

—Esteve aqui de visita a sua família, o nosso conterrâneo, sr. Arnaldo Neto, aspirante de Finanças em Castelo de Paiva e partiu para Mafra seu irmão Celestino, que, na sua qualidade de militar, tem de tomar parte nos exercícios em realização.

C.

Verdemilho, 20

No Club Recreativo local realisa-se no proximo domingo um baile familiar, que está despertando vivo interesse entre os sócios.

Principia às 22 horas.

—Esteve cá o nosso conterraneo, sr. Antonio Madail, activo comerciante no Congo Belga,

C.

S. A. R. L.

Assembleia Geral Extraordinária

São convocados os Snrs. Accionistas, ao abrigo do art.º 180 do Código Comercial, a reünir no dia 7 de Setembro de 1936 a-fim-de resolver sôbre a eleição do Conselho Fiscal, mêsa da Assembleia Geral e substitutos da Direcção; caução a prestar pelos membros da Direcção e Conselho Fiscal e maneira dos Snrs. Accionistas se fazerem representar nas Assembleias Gerais. Esta reünião terá logar no salão da Associação Comercial de Aveiro, pelas 22 horas.

Por falta de número legal, funcionará no dia 15, no mesmo local e à mesma hora.

Aveiro, 19 de Agosto de 1936

A Direcção,

Lucílio Garcia

Manuel Joaquim de Freitas

António da Cruz Bento Júnior

Câmara Municipal de Vagos

=o=

CONCURSO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vagos faz público que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, a contar da última publicação dêste anúncio, para provimento do lugar de amanuense desta Câmara, com o vencimento mensal de 599$50.

Os concorrentes deverão apresentar, dentro do referido praso, na Secretaría da Câmara, os seus requerimentos instruidos com os documentos legais.

Vagos, 17 de Agosto de 1936.

O Presidente,

Augusto Bilelo

Declaração

Ricardina Rosa Loureiro, de Nariz, declara que não se responsabilisa por dividas que contraia seu marido Aires Ferreira Azenha, do mesmo lugar, sem sua autorização por escrito.

Nariz, 22 de Agosto de 1936.

Agradecimento

A família do abaixo assinado, depois de ter manifestado o seu reconhecimento às pessôas que a desanojaram por ocasião da morte da sua querida Suzete, verificou que, por insuficiência de endereço, algumas faltas havia cometido. Nessa conformidade socorre-se do melhor meio ao seu alcance para as reparar, como é a imprensa, e a todos expressa a sua indelével gratidão.

Aveiro, 18 de Agosto de 1936.

CARLOS ALELUIA

Cadela perdigueira, branca, com malhas amarelas e que dá pelo nome de *Tatá*, fugiu de casa, não voltando a aparecer.

Quem souber do seu paradeiro, é favor indicá-lo para esta Redacção, ou ao professor José Duarte Simão—Aveiro.

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

—o—

Arrematação

1.ª publicação

No dia 11 de Outubro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Idalinda da Conceição Carvalho Morais, que foi viúva, doméstica, de Esgueira, e em que serve de cabeça de casal Manuel José de Morais, casado, lavrador, também de Esgueira, proceder-se-há à arrematação, em hasta pública, para serem entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas respectivas avaliações, dos seguintes prédios:

Uma terra lavradia com um bocado de pinhal, sita nas Alagôas, freguesia de Esgueira, avaliada em 1.200$00; e

Uma terra lavradia, na Quinta das Pedras, freguesia de Esgueira, avaliada em 800$00.

Toda a sisa e despesas da praça, são a cargo dos arrematantes.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos, para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 20 de Julho de 1936.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção,
Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

1.ª Vara

DIVÓRCIO

Por sentença de 27 de Junho do corrente ano, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre os conjugues Maria Julia Simões da Maia, jornaleira, da Povoa do Paço, freguezia de Cacia, desta comarca, e Antonio Maria da Silva Vagueiro, ausente em parte incerta da França, na acção de divorcio que aquela requereu contra este, com o beneficio da Assistencia Judiciaria.

Aveiro, 14 de Julho de 1936.

Verifiquei.

O Juiz de Direito
Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo